

## CASA DE ABRIGO PARA MENORES

MORAIS, Jean Claude de Marcos de.<sup>1</sup>  
JÚNIOR, Moacir José Dalmina.<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa tem como finalidade a apresentação de fundamentação teórica para a elaboração de uma proposta projetual de um abrigo para menores, para a cidade de Cascavel no Paraná. Esta pesquisa tem como assunto projeto de arquitetura, para a concepção de um abrigo para menores, com ênfase em funcionalidade, e que passe uma sensação de acolhimento para as crianças e adolescentes abrigados. A justificativa se faz devido à preocupação com o futuro dessas crianças e adolescentes, que não atingiram determinada idade, e nem amadurecimento suficiente para se responsabilizarem por elas mesmas, e com a infraestrutura que elas usufruíram poderá mudar suas histórias. Assim o presente trabalho visa solucionar este problema por meio de um projeto arquitetônico, um ambiente que proporcione um sentimento de acolhimento, que possa ajudar essas crianças e adolescentes se reestabelecerem na vida social de maneira menos conturbada possível. A criatividade e imaginação de uma criança tem a capacidade de entender e ver o mundo de diversas maneiras, com isso a arquitetura fica responsável por pensar e trabalhar nos espaços onde a criança irá conviver, além de despertar o senso de pertencimento e também desenvolver o olhar mais crítico da criança para os ambientes a sua volta. A pesquisa em um todo consiste em maior foco expor contextos históricos, projetuais e técnicos para a elaboração de uma proposta projetual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abrigo. Crianças. Adolescentes. Arquitetura. Acolhimento.

### 1. INTRODUÇÃO

O tema abordado para esta pesquisa será sobre casa de abrigo para menores e como poderíamos criar um projeto ideal para essas crianças e adolescentes, com o intuito de proporcionar um futuro prospero para elas e que também consigam se inserir de forma saudável em meio a sociedade. Com tudo vamos fazer que essas crianças e adolescentes construam uma história dentro dessa casa de abrigo e que também criem laços e afetos tanto com os educadores quanto com sua família.

A arquitetura do abrigo deve ser pensada e projetada não apenas para abrigar essas crianças e adolescentes, mas sim compreende-las e ajuda-las, é uma medida de proteção para criança, onde é acionada quando existe uma situação de vulnerabilidade na família, por exemplo a violência, nesse caso a criança precisa ser retirada de seu ambiente familiar, e ser reabilitada em um abrigo.

---

<sup>1</sup>Aluno do nono período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: jeanclaudemoraes10@hotmail.com

<sup>2</sup>Arquiteto e Urbanista. Professor do Centro Universitário FAG e orientador da presente pesquisa. E-mail: moa.dalmina@fag.edu.br

Uma estratégia para que o abrigo consiga se desenvolver e se sair bem com suas obrigações seria a contratação de um bom grupo de educadores, que sejam qualificados de acordo com suas particularidades.

Os objetivos específicos da pesquisa: a pesquisa tem o intuito de ser um guia para a concepção de um projeto de arquitetura; objetivo de proporcionar educação e moradia de qualidade para as crianças e adolescentes; ajudar no processo de reatar laços com suas respectivas famílias, compreender quais métodos seriam eficientes para a inserção dessas crianças na sociedade.

Este projeto tem como objetivo principal abrigar crianças e adolescentes, seja por motivos de abandono dos pais, violência, ou por estarem desabrigados morando na rua, cada caso será muito bem estudado, e aplicado a melhor decisão para cada um dos casos, através da estrutura e dos profissionais competentes e responsáveis que trabalharam no local.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

No período colonial foi onde surgiu as primeiras instituições do Brasil com objetivo de educar crianças de vilarejos e aldeias, ou seja, os índios como os europeus os chamavam. Nesse período avia vínculo comercial entre Brasil e a metrópole portuguesa através da exportação dos produtos agrícolas, madeira, ouro e açúcar. Através deste vínculo favoreceu o surgimento de novas instituições, e com isso no contexto do trabalho escravizado era muito comum a relação sexual entre escravas e senhores, ocasionando em muitas crianças ilegítimos. Com o grande número de filhos veio a consequência, pois cresceu a quantidade de crianças abandonadas e carentes. Mesmo após a Lei do Ventre Livre e com o consentimento político e social, havia a separação das crianças de suas mães escravas e o senhor poderia ter poder sobre a criança dos 8 anos de idade até os seus 21 anos (BERGER, 2005).

A equipe de profissionais deve saber de tudo que tiverem alcance, para colher informações, seja na hora de dormir, na hora de elaborar uma dinâmica ou na hora de bater um papo. Os educadores escrevem em um relatório tudo aquilo que descobrem e partilham do mesmo e suas reuniões. E histórias de famílias que acabam conhecendo através das crianças, com visitas domiciliares, são todas compartilhadas nas reuniões (GULASSA, 2010).

O ponto forte para um abrigo funcionar, é conseguir uma boa rede comunitária de serviços e parcerias. Mais do que conquistar investimentos e parcerias, a equipe consegue

manter os vínculos e cultivar ainda mais, assim, mantendo tudo isso pode atrair o olhar de outros investidores (GULASSA, 2010).

O resultado final esperado pelas crianças, adolescentes e suas famílias era o fortalecimento de vínculos e a integração, e através da rede de serviços prestados pela comunidade, dessa maneira, para ajudar no desenvolvimento das habilidades únicas de cada uma delas (GULASSA, 2010).

### **3. CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS ABRIGADAS**

Uma das melhores estratégias para ajudar essas crianças e adolescentes, conta Maria Gulassa (2010), que através de educadores e todas as pessoas envolvidas no projeto, essas crianças conseguem construir uma história, desenvolver vínculos, com experiências emocionais, e disso pode nascer o sentimento de ter uma família, algo com poder restaurador. Ou seja, a criança tem opções de encontrar saídas criativas, com o diálogo, no crescimento, na construção conjunta e nas regras claras.

As mudanças ocorrem com o interesse dos educadores nas histórias de cada criança, adolescente e suas famílias. Os envolvidos procuram saber a particularidade de cada uma e se vincula a isso. Assim, traça metas, planeja, articula ações e serviços. Desenvolvendo mais as potencialidades, e deixando de lado as coisas que aconteceram de negativo (GULASSA, 2010).

Para os responsáveis, a educação é primordial pois favorece as condições necessárias para que a criança ou o adolescente seja o protagonista da sua história. Todos devem ser ouvidos, e ficarem a par de suas questões judiciais que os envolvam, acompanham todo o seu processo, mesmo que isso venha a doer (GULASSA, 2010).

Com a participação das crianças e os adolescentes em serviços das comunidades diz Maria Gulassa (2010) elas desenvolvem autonomia. Andam de trem, metrô, de ônibus, a partir do momento que já tiverem condições e idade para isso. Tomam conhecimento dos serviços que a comunidade disponibiliza: parques, serviços de assistência social às famílias, centros de convivência. E também participam com a rede de serviços visada para a comunidade – atendimento psicológico e médico, educacional, centros de recreação.

A autora Maria Gulassa (2010) nos fala que em busca de soluções para os conflitos que muitas vezes é necessária uma administração no cotidiano, a equipe sempre mantém um bom clima, humor e afetividade, com abertura para dialogar entre si e com as crianças e adolescentes.

A equipe de profissionais deve saber de tudo que tiverem alcance, para colher informações, seja na hora de dormir, na hora de elaborar uma dinâmica ou na hora de bater um papo. Os educadores escrevem em um relatório tudo aquilo que descobrem e partilham do mesmo e suas reuniões. E histórias de famílias que acabam conhecendo através das crianças, com visitas domiciliares, são todas compartilhadas nas reuniões (GULASSA, 2010).

Em questões socioeconômicas o perfil das famílias era e continua sendo de prole numerosa, com a figura paterna ausente em sua grande maioria. Os filhos são criados pelos parentes. Havia predominância de ocupações manuais e de baixa qualificação, com ausência de renda regular, em relação ao trabalho dos pais. A moradia era precária, os responsáveis eram de baixa escolaridade e havia muitos com dependência química (GULASSA, 2010).

Relata Maria Gulassa (2010), no projeto proposto, para atingir os seus objetivos deve-se desenvolver estratégias para compreender o levantamento da rede familiar da criança e do adolescente, e a recepção e acolhimento das famílias; cursos, palestras, oficinas pedagógicas para fortalecer os vínculos entre familiares; visitas domiciliares; visitas em outros programas que complementassem o conhecimento e aumentasse a rede de proteção das famílias e parcerias e contatos com a rede sociocomunitária em redes de saúde, cultura, educação e lazer.

O resultado final esperado pelas crianças, adolescentes e suas famílias era o fortalecimento de vínculos e a integração, e através da rede de serviços prestados pela comunidade, dessa maneira, para ajudar no desenvolvimento das habilidades únicas de cada uma delas (GULASSA, 2010).

#### **4. INSTITUIÇÕES DE ABRIGO**

De acordo com Maria Virgínia Bernardi Berger (2005), no período colonial foi onde surgiu as primeiras instituições do Brasil com objetivo de educar crianças de vilarejos e aldeias, ou seja, os índios como os europeus os chamavam. Nesse período avia vínculo comercial entre Brasil e a metrópole portuguesa através da exportação dos produtos agrícolas, madeira, ouro e açúcar. Através deste vínculo favoreceu o surgimento de novas instituições, e com isso no contexto do trabalho escravizado era muito comum a relação sexual entre escravas e senhores, ocasionando em muitas crianças ilegítimos. Com o grande número de filhos veio a consequência, pois cresceu a quantidade de crianças abandonadas e carentes. Mesmo após a Lei do Ventre Livre e com o consentimento político e social, havia a separação

das crianças de suas mães escravas e o senhor poderia ter poder sobre a criança dos 8 anos de idade até os seus 21 anos.

Segundo Irene Rizzine (2004), o termo “internato de crianças” foi utilizado até o ano de 1980 para nomear as instituições caracterizadas por abrigar crianças e adolescentes que eram carentes, órfãos ou delinquentes. E a partir de 1980, a cultura institucional, começou a ser questionada pelas pessoas quanto a sua eficiência. Esses questionamentos foram um bom ponto de partida para a criação de novas alternativas para o abrigamento de crianças e adolescentes.

Segundo os dados contidos no painel on-line do SNA (Sistema Nacional e Acolhimento), as instituições públicas e as casas de abrigo em 26 de março de 2020 abrigavam 34,8 mil adolescentes e crianças. Um pouco mais de 60% são adolescentes e a divisão entre gêneros são quase as mesmas (CONSULTOR JURIDICO, 2020).

A maior parte dos acolhidos no Brasil somando ao todo 9,4 mil, é composto por adolescentes com mais de 15 anos de idade. Dos mesmos, um terço já está abrigado há mais de três anos e não possui irmãos nas mesmas condições. No diagnóstico de deficiência intelectual possui apenas 3% dos casos, e na os que possuem problemas de saúde 4% (CONSULTOR JURIDICO, 2020).

Na era contemporânea, foram determinadas quatro modalidades de acolhimento institucional: as casas-lares: onde a criança é acolhida em unidades residenciais, e passa a ter cuidados pela pessoa ou casal responsável, assim proporcionado cuidados à uma parte de adolescentes e crianças que se encontram em situação protetiva de abrigo; As Famílias acolhedoras: são famílias cadastradas que abrigam adolescentes e crianças que também necessitam de abrigo; As Repúblicas: é uma organização que proporciona moradia e apoio à jovens em situação de risco social e pessoal e vulnerabilidade, em processo de encerramento de instituições de acolhimento, que não tenham previsão de volta para sua respectiva família de origem ou a realocação em família substituta e nem condições de elas mesmas se sustentarem; e os Abrigos institucionais (BRASIL, 2009).

Um ponto muito importante para as situações não saírem fora de controle com as crianças é ter uma boa equipe de educadores capacitados sobre transtornos, psiquiátricos, mediação e seus efeitos, entre outros cursos como: reintegração familiar, trabalho em abrigo, visitas da família ao abrigo, visitas domiciliares, entre outros (GULASSA, 2010).

Para ter a possibilidade de realização de várias visitas domiciliares relata Maria Gulassa (2010), é indicado a contratação de uma assistente social. Pois é ela que coordenara as visitas e encontros com as famílias, que podem acontecer uma vez por mês, em um dia determinado

por ela, com previamente estabelecido um tema, de acordo com as dificuldades de cada um apresentadas pelo grupo. Logo após o encontro em grupo, é feito um almoço para todos os presentes, famílias, adolescentes, crianças e equipe.

O ponto forte para um abrigo dar certo conta Maria Gulassa (2010), é conseguir uma boa rede comunitária de serviços e parcerias. Mais do que conquistar investimentos e parcerias, a equipe consegue manter os vínculos e cultivar ainda mais, assim, mantendo tudo isso pode atrair o olhar de outros investidores.

## **5. CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS**

Para promover a reintegração da criança a vivência comunitária e familiar exige muito estudo, formação e capacitação. É um trabalho muito delicado saber abordar a família, e ter contato com a mãe. Pois pra ela também é difícil, de início ela se sente muito culpada pelos filhos estarem sendo abrigados. Muitas vezes ela conta diversas histórias diferentes sobre o assunto, conta uma versão para as crianças, outra para o abrigo, e outra para as pessoas de fora. Por esse motivo, o abrigo deve estar muito próximo e consultar o processo judicial. Nessa união, as técnicas da Vara da infância, por mais que tenha boas intenções, não possibilita condições ou tempo, de haver a aproximação com a mãe como o abrigo. Por esse motivo a formação e capacitação da pessoa que trabalhará na organização social são de tamanha importância (GULASSA, 2010).

## **6. ARQUITETURA DE ACOLHIMENTO**

Realizar um trabalho visando as histórias de vida de cada criança é de muita importância para o aprofundamento aos motivos do abrigamento. Deixa-las falarem sobre elas, assim informando os educadores e despertando seus pensamentos sobre as dificuldades passadas por cada criança, ajudou para que o abrigo sempre fique de portas abertas para a viabilização de atendimento individual (GULASSA, 2010).

Segundo Maria Gulassa (2010) uma boa arquitetura para as crianças seria um abrigo com uma grande varanda em todo o redor da edificação, no quintal deveria conter árvores e diversas vegetações, horta e flores, e também uma boa ideia é ter um animalzinho de estimação, para as crianças e adolescentes brincarem.

Na hora das refeições a sala deve ser algo convidativo, com uma mesa bem arrumada e grande, preparada por uma boa pessoa. Todas as crianças e adolescentes ao redor da mesa, e

elas sabem das regras, pois elas mesmas as criaram, em um dia da semana, as meninas servem-se primeiro e no outro os meninos. Assim elas aprendem até nas horas de se alimentarem (GULASSA, 2010).

De acordo com Maria Gulassa (2010), eles também utilizam a mesa como um local para ouvir o “som”, realizando assim as atividades pedagógicas com suas conversas cotidianas. Em seus quartos cada criança e adolescente tem seu espaço caracterizado e é respeitado, mesmo que seja as roupas encima da cama ou no armário, seja por cores diferentes, ou também da forma que se organizam.

Conta Maria Gulassa (2010), que no local deve haver também uma edícula e que seja um ambiente acolhedor, uma boa ideia é colocar em suas paredes quadros ou folders de eventos, brincadeiras ou tarefas que elas participaram, e também desenhos que elas mesmas desenvolveram. E também uma brinquedoteca, um local específico que elas possam brincar com segurança.

Ter o conhecimento da história das crianças e adolescentes é de suma importância para o desenvolvimento do abrigo, o mesmo precisa trabalhar muito bem, e saber filtrar as informações passadas através das histórias das crianças e adolescentes, e utilizar isso para que haja um atendimento adequado (GULASSA, 2010).

Uma observação que os educadores de abrigos tiveram foi que a grande parte do sofrimento das crianças e dos adolescentes está ligada diretamente à grande proteção exercida pela instituição. Com isso, foi feita uma reformulação para que o educador trabalhasse na formação para a vida, para que a criança no futuro estivesse preparada para enfrentar a vida. Com essa observação e feita uma reflexão sobre o que seria “grande proteção”, foi percebido que isso significava “grande isolamento”. A criança estava muito isolada de tudo e abandonada em si mesma. Agora a criança, com a ajuda dos educadores podem vivenciar muito mais coisas em outros espaços, sem que perda sua proteção. Com esse vivenciamento a criança desperta seu olhar para exterior do mundo e ajuda o desenvolvimento de seus medos e de suas dificuldades (GULASSA, 2010).

O educador do abrigo estará sempre à disposição para a criança, seja para acompanhá-la na escola ou quando necessário a hospitalização da mesma para acompanhá-la. As crianças também precisam fazer terapias com psicólogos que estejam sempre em contato com os técnicos do abrigo (GULASSA, 2010).

## **7. ESTRUTURA E COMPOSIÇÃO DOS ABRIGOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Uma das primeiras ações a serem tomadas deve ser a contratação de um instituto especializado em desenvolvimento organizacional e humano para elaboração do diagnóstico institucional, pois as mudanças provocam mudanças da cultura institucional de todo o complexo educacional (GULASSA, 2010).

Depois do diagnóstico institucional e aprovados nos princípios do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e também nos conhecimentos científicos realizados nas últimas décadas, podemos passar para a segunda etapa, que seria o desenvolvimento do projeto no qual estão especificados os objetivos educacionais e as estratégias metodológicas adotadas (GULASSA, 2010).

Para o abrigo conseguir realizar um atendimento de qualidade para essas crianças e adolescentes, relata Maria Gulassa (2010) que, deve-se ter em mente que se o abrigo não pode dar o atendimento necessário deve-se reduzir o número de crianças, pois o entendimento da criança considerando e reconhecendo sua história passada são de suma importância.

É de suma importância para o abrigo a valorização profissional, pois a ideia que sustenta esse valor institucional é que só se forma uma criança crítica, reflexiva e autônoma se os profissionais são, e além deles, a própria organização. A procura por bons profissionais para a realização desse trabalho servirá como um enriquecimento e também para o desenvolvimento da personalidade das crianças e adolescentes abrigadas. A troca de ideias entre os profissionais de diferentes funções será de muita importância para o desenvolvimento do abrigo, e também a incentivação da participação em espaços de formação extrainstitucional e a elaboração de um programa de bolsa de estudos (GULASSA, 2010).

Para que as crianças e adolescentes consigam desenvolver um sentimento de afetividade e pertencimento com o abrigo, pois os educadores observaram que as crianças sentem alegria e satisfação em cuidar e ajudar na casa e mantê-la organizada, porque elas entendem que o ambiente é delas também (GULASSA, 2010).

## **8. CORRELATO CASA DE ACOLHIMENTO PARA MENORES / CEBRA**

O escritório CEBRA trabalhou e desenvolveu uma casa de abrigo para menores toda revestida em madeira e azulejos, com formas e elementos que fossem familiares para a criação de um ambiente moderno e acolhedor. O abrigo faz a combinação de um ambiente seguro de uma moradia tradicional com as mais desenvolvidas ideias pedagógicas e perspectivas que determinam a função e existência de um lar para crianças.

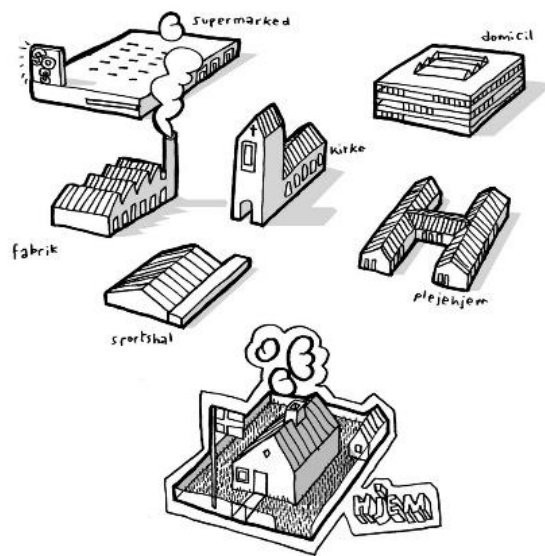
Figura 1 – Casa de acolhimento para menores / CEBRA



Fonte: ArchDaily, 2015.

O foco da instituição é repassar um sentido de comunidade juntamente com as relações sociais, que também se preocupa com um ambiente que possa suprir as necessidades e que as crianças se sintam orgulhosas em chamar este local de lar e que os instrui para obterem um futuro prospero e bom para elas. O entorno da instituição reflete um enfoque pedagógico planejado na própria arquitetura que apoia muito o trabalho diário dos trabalhadores com as crianças que lutam com diversos problemas sociais e mentais.

Figura 2 – Casa de acolhimento para menores / CEBRA



Fonte: ArchDaily, 2015.

A arquitetura desse projeto foi totalmente embasada nos desenhos infantis, onde as crianças representam uma casa de duas águas, retangular e com uma chaminé em seu topo como forma de representar uma moradia. Para o desenho do lar das crianças também foi utilizado como referência a casa dinamarquesa, que possui o telhado em duas águas e sótão. Com isso foi feita a junção desses elementos para criar uma aparência familiar e reconhecível, assim proporcionando o sentimento de um ambiente seguro.

Figura 3 – Casa de acolhimento para menores / CEBRA



Fonte: ArchDaily, 2015.

## **9. CORRELATA CENTRO DE BEM-ESTAR PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES / MARIAN HESSAMFAR & JOE VÉRONS**

O principal objetivo da instituição é proporcionar para as crianças e adolescentes educacional, apoio prático e psicológico. O centro ainda será ampliado e vai contar com uma área residencial, parque e cinema.

Figura 4 – Centro de Bem-Estar para Crianças e Adolescentes / Marjan Hessamfar & Joe Vérons



Fonte: ArchDaily, 2015.

Antes o centro era utilizado como um residencial de emergência, atualmente funciona como um abrigo para crianças, uma moradia, onde elas receberam cuidados e se sentiram bem vindos, atendidos e protegidos. O ambiente também incentiva o fortalecimento dos laços familiares através da transição, com supervisão e calma.

A percepção de um ambiente de emergência não faria com que as crianças se sentissem tranquilas. Com isso os arquitetos projetaram cada piso do abrigo para ser ocupado por um grupo de determinada idade, para que as crianças conseguissem ter todas as suas necessidades supridas, desde os momentos de atividade em grupo, até seus momentos de tranquilidade.

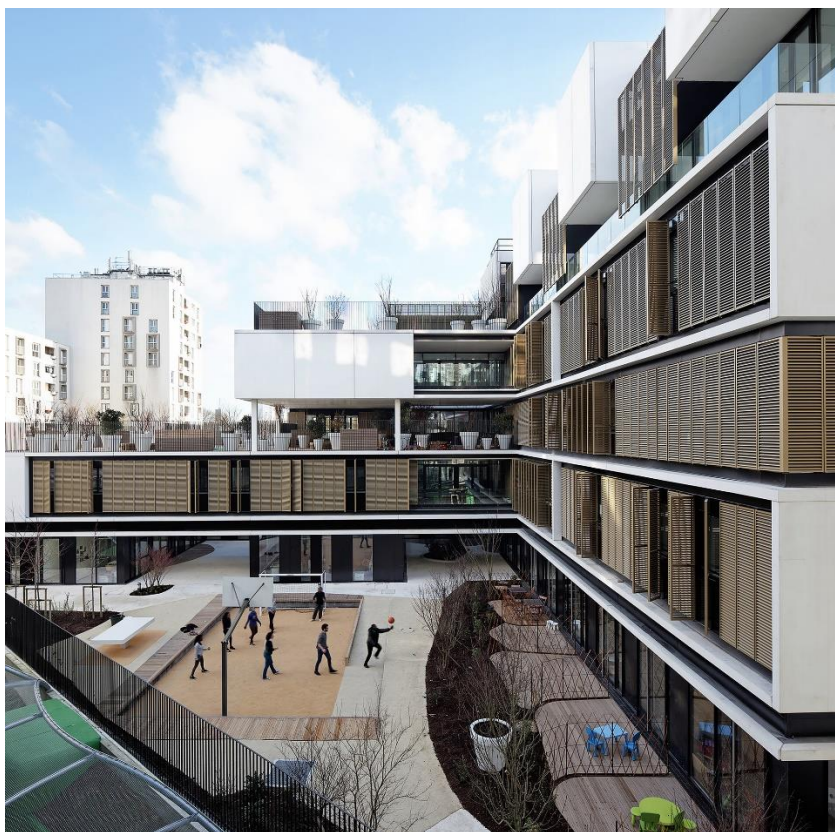
Figura 5 – Centro de Bem-Estar para Crianças e Adolescentes / Marjan Hessamfar & Joe Vérons



Fonte: ArchDaily, 2015.

Existe dois problemas localizados no terreno onde o centro está inserido, o primeiro é porque está voltado para o norte, e o segundo por causa da arquitetura densa do edifício, com isso acarreta em falta de luz natural. Com essa deficiência os arquitetos projetaram em forma de “L” uma estrutura com níveis escalonados no centro, possibilitando a criação de grandes terraços recreativos em cada piso. Esta solução possibilitou com mais facilidade a entrada de iluminação natural e permitiu uma vasta vista no centro do edifício.

Figura 6 – Centro de Bem-Estar para Crianças e Adolescentes / Marjan Hessamfar & Joe Vérons



Fonte: ArchDaily, 2015.

## 10. CONCLUSÃO

Essa pesquisa bibliográfica tem o intuito de fornecer informações para o desenvolvimento de um projeto de arquitetura, com o intuito de fornecer um novo caminho nas vidas de crianças e adolescentes desabrigadas.

É de suma importância relatar que esse projeto ajudará inúmeras crianças e adolescentes a terem um bom futuro, e se possível reatar seus laços familiares.

Em relação ao projeto o arquiteto deve atentar-se primeiramente na escolha do lote, observar se é localizado em um bairro já consolidado e se possui a infraestrutura adequada. O abrigo deve se inserir ao meio da sociedade e não afastado, para o processo de reintegração dessas crianças se tornar mais fácil e natural, também atentar-se com as proximidades, ou seja, se possui escolas, serviços de saúde, equipamentos de lazer, áreas verdes e comércio.

Em relação ao tema abordado ao trabalho, sobre casa de abrigo para menores, pode ser afirmado que o futuro do nosso país estará nas mãos das próximas gerações, então esse projeto com foco em ajudar e fazer com que essas crianças consigam designar seu papel no meio da sociedade de maneira saudável será um investimento de muita importância.

## REFERÊNCIAS:

CONSULTOR JURIDICO, Paineis detalha estatísticas da adoção e do acolhimento no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-abr-01/painel-detalha-estatisticas-adocao-acolhimento-brasil>>. Acesso em: 02 Mar. 2021.

BERGER, Maria Virgínia Bernardi. Aspectos históricos e educacionais dos abrigos de crianças e adolescentes: a formação do educador e o acompanhamento dos abrigados. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.18, p. 170 -185, jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/index>>. Acesso em: 02 Mar. 2021.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. Focalizando a história recente: panorama e desafios. In: RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. A institucionalização de crianças no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004. p. 43-59. [E-Book]. Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>>. Acesso em: 02 Mar. 2021.

GULASSA, Maria Lucia Carr Ribeiro. Abrigos em movimento: O processo de mudança vivido por cinco abrigos de crianças e adolescentes na Grande São Paulo. Brasília, Distrito Federal, 2010. Disponível em: [http://www.neca.org.br/wp-content/uploads/cad-02\\_Abrigos-em-movimento.pdf](http://www.neca.org.br/wp-content/uploads/cad-02_Abrigos-em-movimento.pdf)>. Acesso em: 10 Mar. 2021.

Casa de Acolhimento para Menores / CEBRA" [Children's Home / CEBRA] 18 Jan 2015. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/760562/casa-de-acolhimento-para-menores-cebra>>. Acesso em: 06 Abr. 2021.

Centro de Bem-Estar para Crianças e Adolescentes / Marjan Hessamfar & Joe Vérons" [Welfare Centre for Children and Teenagers / Marjan Hessamfar & Joe Vérons] 16 Abr 2015. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/765064/centro-de-bem-estar-para-criancas-e-adolescentes-marjan-hessamfar-and-joe-verons>>. Acesso em: 06 Abr. 2021.